



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025

Capacitismo e racismo: o impacto da interseccionalidade de raça e deficiência no bullying experienciado por estudantes no Centro de Educação Básica da UEFS na cidade de Feira de Santana

Luis Fernando Silva Assis¹; Lucimere Rodrigues de Souza²

1. Luis Fernando Silva Assis, PROBIC/UEFS, FÍSICA, e-mail: fernandoassissilva9@gmail.com

2. Lucimere Rodrigues de Souza, DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, e-mail: lrsouza@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Bullying; capacitismo; racismo; interseccionalidade.

INTRODUÇÃO

O bullying, segundo Crochik (2015) é uma forma de violência que se caracteriza como intimidações sistemáticas dirigidas a uma pessoa considerada frágil, com dificuldade para se defender. Tem motivações psíquicas e sociais, ocasiona danos à saúde mental e física das vítimas, uma vez que o(s) agressor(es) têm o objetivo de ferir, dominar, humilhar e causar constrangimento, angústia e outros sofrimentos aos alvos. Sendo uma violência social que se reflete no interior das instituições educacionais, o bullying se fortifica dentro de uma ótica pós-iluminista em que o homem se apropria de novas formas de barbárie. Em relação ao preconceito, estes são baseados nos estigmas e estereótipos produzidos sociohistoricamente sobre grupos identitários (minorias sociais), seja pela raça, cultura, orientação sexual, etnia, gênero, religião ou deficiência. Quando tratamos de alunos com marcadores interseccionais, a violência e a opressão são intensificadas, obliterando os direitos humanos. A interseccionalidade, como afirma Crenshaw (1989) não é a somatização das classes marginalizadas pela sociedade, mas sim um identificador desses corpos, mostrando que existem e precisam de políticas públicas específicas que tratem e garantam o seu bem-estar em sociedade.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

O projeto teve como objetivo verificar as concepções dos professores sobre o bullying sofrido por alunos negros com deficiência e verificar as ações de enfrentamento ao bullying adotadas pela escola. Para isso, foram utilizados dois métodos de obtenção de dados: observações diretas em sala de aula e em momentos do recreio, e uma entrevista semiestruturada com as duas professoras que lecionam na classe onde foi realizada a pesquisa. Durante as seis sessões de observações, foram feitos registros escritos em um diário de campo. As observações foram realizadas em uma sala do 5º ano do ensino fundamental, a faixa etária da turma é de 10 a 12 anos e como pré-requisito era necessária a presença de alunos negros e alunos com deficiência, sobretudo alunos

negros com deficiência, considerando a interseccionalidade como referência para analisar as situações de violência em sala de aula, bem como refletir sobre limites e possibilidades da educação inclusiva no contexto escolar. O roteiro tinha como objetivo entender a relação das professoras com os alunos sem deficiência e os alunos com marcadores interseccionais, a forma como os alunos conviviam e se relacionavam entre si, a forma como a escola tratava os casos de violência que poderiam existir eventualmente, e as concepções dos professores sobre o racismo e o capacitismo que alunos negros com deficiência sofriam no ambiente escolar.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para Adorno e Horkheimer (1985), o capitalismo tardio falha ao oferecer uma garantia de boa vida aos que se adequam ao próprio sistema, pois adequar-se não é somente suficiente, os padrões exigidos para estar dentro do que o sistema se interessa como o correto é extremamente difícil de ser alcançado mesmo por aqueles que não possuem deficiência, e ainda mais difícil para quem tem uma deficiência com marcadores de raça e classe social, cujos atravessamentos na vida desses indivíduos, intensificam a opressão. Quando analisamos esse caso para pessoas que possuem mais de um marcador interseccional, como raça e deficiência, por exemplo, essa régua sobe ainda mais. Durante as observações foi possível notar que os alunos com deficiência têm uma dificuldade maior para se adequar ao meio escolar em relação às condições da escola e a progressão no aprendizado, isso se deve a muitos fatores como: a falta de profissionais de apoio e professores sem uma formação mais consistente e com condições de trabalho que sejam adequadas a ponto de possibilitar a inclusão de todos os estudantes. Quando falamos da criança negra com deficiência possui uma barreira maior para se adequar e ser aceita, pois o marcador interseccional de raça deixa mais evidente a forma como a sociedade enxerga os indivíduos negros com deficiência. As crianças negras são atingidas pelo racismo, fazendo-as se esforçarem mais para se sentirem aceitas e acolhidas, esse fato também pôde ser observado durante as observações guiadas. Durante o período de observação em sala de aula, não foram constatadas situações de violência direta, seja por bullying ou por preconceito racial, ou pelo capacitismo (deficiência), o que aconteceram foram situações veladas de exclusão e afastamento social em relação aos alunos com marcadores interseccionais. Mesmo com os poucos casos diretos em relação a esses tipos de violência, ao Estado cabe a responsabilidade de ofertar formação continuada para os docentes, gestores e demais profissionais da escola. A esta também cabe o dever de construir ações de enfrentamento para conscientização e problematizar os temas como bullying, racismo e capacitismo, de modo que exista discussão entre os alunos em relação a esses temas e que sejam combatidos de forma direta os episódios de violência que podem vir a acontecer. Assim, os resultados indicam que, embora o ambiente escolar ainda reproduza desigualdades estruturais, há esforços institucionais e pedagógicos no sentido de transformar a escola em um espaço inclusivo e de resistência às violências. A interseccionalidade se mostrou um instrumento fundamental para compreender como raça e deficiência se sobrepõem, agravando a exposição ao bullying, e também para orientar práticas educativas que promovam justiça social e equidade.

CONCLUSÃO

A análise realizada evidencia que o bullying e o preconceito no ambiente escolar não podem ser compreendidos de forma isolada, mas sim, a partir da ótica da interseccionalidade. Crianças negras com deficiência vivenciam múltiplas barreiras, sendo alvo de práticas sutis e explícitas de exclusão, revelando como o racismo e o capacitismo se entrelaçam e potencializam os efeitos da violência escolar. As falas das professoras mostram que, embora exista receptividade em relação às diferenças, a questão racial permanece como um marcador mais sensível e difícil de ser enfrentado, demonstrando a necessidade de práticas pedagógicas que ultrapassem o acolhimento e avancem para a transformação das relações sociais dentro da escola. O estudo também mostra que a escola investigada tem compromisso político e pedagógico com a inclusão dos estudantes, buscando formas de enfrentamento, seja por meio do diálogo com os alunos, da formação continuada, da inserção de temas como racismo e diversidade nas práticas pedagógicas e até pela reformulação do seu Projeto Político Pedagógico, assumindo-se como uma escola antirracista e anticapacitista. Essas iniciativas sinalizam um movimento institucional importante, ainda que desafiador, para romper com estruturas históricas de exclusão.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.W. Educação e emancipação. Tradução de W.L. Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. (Trabalho original publicado em 1967).
- CROCHÍK, José Leon. Formas de violência escolar: preconceito e bullying. Movimento-Revista de Educação, n. 3, 2015.
- DIAS, Adriana. Por uma genealogia do capacitismo: da eugenia estatal a narrativa capacitista social. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DEFICIÊNCIA, 1., 2013, São Paulo. Anais [...] São Paulo: USP, 2013. p. 1-14.
- DINIZ, Débora. O que é deficiência. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos).
- HORKHEIMER, M. e Adorno, T.W. Dialética do Esclarecimento. Trad. G. A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985.
- MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação -PENESB -RJ, 05/11/03

SANTOS, J. B. dos, SOUZA, L. R. de., & DIAS, V. B. Concepções de professores sobre bullying e formas de enfrentamento no contexto escolar. Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade, 32(69), 42-58. <https://doi.org/10.21879/faeaba2358-0194.2023.v32.n69>. p42-58. 2023.